

# **Musicoterapia Comunitária**

*Maria Soeli Barbosa Araujo*

## **Resumo:**

Este trabalho mostra a importância da Musicoterapia aplicada às comunidades com a finalidade de prevenção e promoção da saúde, levando em conta o contexto às quais estão inseridas e promovendo soluções para as dificuldades encontradas, isto é, cuidando dos aspectos que possam afetar a sua integridade física, sócio cultural e ambiental. Propõe-se a utilização dos recursos: danças circulares e roda de tambores.

**Palavras-chave:** Musicoterapia comunitária; prevenção; promoção da saúde.

## **Abstract:**

This work shows the importance of music therapy applied at communities with the purpose of prevention and health promotion, taking into account the context, which are inserted and promoting solutions to the difficulties, encountered that is, taking care of the aspects that may affect your physical, cultural and environmental integrity. The proposal is to use resources as circular dance and drum circle.

**Key words:** Music Therapy Community; prevention; promoting health.

## **Introdução:**

O objetivo desse trabalho é o de levar às comunidades o verdadeiro sentido de pertença e empoderamento de suas plenas

capacidades. A realidade de nossa sociedade atual pede intervenções urgentes em favor dos que sofrem ou estão em situação de risco, caso contrário os inúmeros problemas de saúde continuarão assolando principalmente quem não tem recursos. É possível acreditar que se unirmos a Musicoterapia Comunitária e suas técnicas aos conhecimentos de outros terapeutas que pensam no coletivo como os terapeutas comunitários que trabalham com as danças circulares e os facilitadores de rodas de tambor, haverá um grande avanço no que diz respeito a consciência de que juntos é possível mudar a realidade que assola o menos favorecidos de um sistema perverso e injusto.

O curso de graduação em Musicoterapia, me ensinou a ver a vida e as pessoas com um olhar mais atento, uma escuta mais ativa, levando-me a sentir a dinâmica que envolve o abismo que existe entre o bem comum e a consciência de como alcançá-lo. Assim meu foco é a Musicoterapia Comunitária, que vise o bem estar do homem inserido em seu meio em sua comunidade num contexto sócio cultural que não favorece o seu desenvolvimento biopsicossocial.

*Há que se cuidar da vida,  
Pra que a vida nos dê flor e fruto.*  
(Wagner Tiso e Milton Nascimento).

### **Promoção da Saúde:**

Promoção da saúde é o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso Para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai além de um estilo de vida saudável na direção de um bem estar global (Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde, Ottawa, 1986).

O documento segue afirmando que promoção da saúde vai além dos cuidados de saúde. Coloca a saúde na agenda de prioridades dos políticos e dirigentes em todos os níveis e setores, chamando-lhes a atenção para as consequências que suas decisões podem ocasionar no campo da saúde e a aceitarem suas responsabilidades políticas.

A política de promoção da saúde combina diversas abordagens complementares, que incluem legislação, medidas fiscais, taxações e mudanças organizacionais. É uma ação coordenada que aponta para a equidade em saúde, distribuição mais equitativa da renda e políticas sociais. As ações conjuntas contribuem para assegurar bens e serviços mais seguros e saudáveis, serviços públicos saudáveis e ambientes mais limpos e desfrutáveis. A política de promoção da saúde requer a identificação e a remoção de obstáculos para a adoção de políticas públicas saudáveis nos setores que não estão diretamente ligados à saúde.

Na Musicoterapia, “o conceito de saúde deixa de ser apenas o sinônimo da doença, para significar o esforço permanente para nos tornarmos quem podemos vir a ser” (Bruscia, 2000, p. 91).

O musicoterapeuta preventivo se insere nessa prática a partir de projetos que têm como objetivos impactar as redes sociais: a família e os diferentes sistemas de apoio, gerando uma abertura à participação, construindo lugares de possível intercâmbio social através da música e do sonoro (Pellizari, 2005).

Benenson (2008) entende que nos dias de hoje é preciso lutar contra todas as circunstâncias consideradas contrárias e desfavoráveis da época em que vivemos, como a violência, a dependência química, o isolamento, as catástrofes, o medo, a depressão, criando novas e diferentes alternativas para o homem pós-moderno. Reforça sua afirmação destacando a Musicoterapia como um meio que permite o uso dos recursos musicoterapêuticos, principalmente os não verbais.

Para o autor, o musicoterapeuta que vai trabalhar com prevenção deve ser capacitado a esse tipo de observação em sua própria formação, o que lhe permitirá compreender o não verbal, as expressões de um corpo no não verbal e as respostas deste corpo também no não verbal. Além disso, mostra caminhos no sentido de desenvolver, na relação com esse campo, o reconhecimento da dor no outro. Nesse sentido, o primeiro passo no desenvolvimento da sua prática é o de saber escutar, escutar com todos os sentidos.

Para Bruscia (2000, p. 83) “O objetivo primário da musicoterapia é ajudar os clientes a promoverem saúde”.

### **Comunidade:**

Segundo Nisbet (apud Campos, 2001, p.50), “Comunidade abrange todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral [...] e continuado no tempo”.

Ainda segundo o autor (apud Foracchi; Martins, 1994), a comunidade é uma base sólida que move um determinado grupo de pessoas a buscarem o bem estar em comum, e se fundamenta dentro de um parâmetro coletivo, no qual o homem é visto em sua totalidade e não somente em relação ao que tenha para oferecer; além de ter capacidade de desempenhar este ou aquele papel na ordem social. Uma comunidade pode ser representada por associações tão variadas como o estado, a igreja, o sindicato, o movimento revolucionário, a cooperativa, a profissão e a cooperativa. Sua força psicológica deriva de reta intenção, de fusão dos sentimentos e do pensamento, da tradição e de sua participação ativa, podendo ser identificada em suas formas de expressão simbólica, seja na religião, na raça, na profissão, nas cruzadas, tendo como modelo a família, pelo seu contexto predominante de autenticidade no que diz respeito a palavra comunidade.

Benenzon (2005), em seu livro *Viver em Comunidade*, apresenta quatorze componentes importantes para viver bem em comunidades: as comunidades devem ser pequenas; na segunda verdade, deve estar em um lugar que favoreça o desenvolvimento da vida comunitária; a vida em comunidade deve se basear em atividades de acordo com seus objetivos e princípios; nem todos podem viver em qualquer comunidade; necessidade se ter normas para seu bom funcionamento e crescimento; todos são testemunhas de tudo e de todos; todas as leis necessitam de um líder que as façam cumprir; qualquer ataque a qualquer uma das partes do marco comunitário repercute nas outras; a comunidade deve ser marcada pelo desenvolvimento e evolução em direção a cultura de baixa entropia, isto é, um nível elevado de organização; deve haver capacidade de fazer com que todos os seus membros se sintam úteis e cooperantes; a assembleia é o coração da comunidade; deve ser inserida a gratificação e o valorização como parte do bom funcionamento de uma comunidade; todo membro

deve receber treinamento pessoal para viver e integrar-se na comunidade; e, a verdade é o continente do marco comunitário.

### **Terapia Comunitária:**

A Terapia Comunitária surgiu na década de 1990 no Brasil. Foi criada pelo Prof. Dr. Adalberto de Paula Barreto: nordestino, que tendo participado de perto das dores mais profundas daquelas pessoas humildes como as que conviveu em Canindé, cidade das romarias viveu imerso em meio a religiosidade e simplicidade daquela gente *de fé*.

Segundo Barreto (2005), a Terapia Comunitária constitui-se numa roda de partilha de experiências e sabedoria, na qual o acolhimento e o respeito ao outro é fundamental. Nesse processo todos são corresponsáveis na busca de soluções para sofrimentos e problemas do cotidiano. Todos os comentários são relevantes e incluídos no grupo. Cria-se fortalecimento dos vínculos sociais e os conflitos são redimensionados. Os preconceitos e estereótipos são quebrados. Há a reconquista de espaços comunitários saudáveis, onde são encontrados valorização, aconchego e confiança. Há troca de vivências e sentimentos, como também a partilha de canções, provérbios, poesias, lendas; tudo é material que enriquece os grupos de trabalho e faz de cada um deles uma experiência única e marcante.

O autor ainda diz que as rodas de Terapia comunitária podem acontecer em associações de bairro, escolas, postos de saúde, empresas; e em quaisquer lugares onde haja pessoas abertas para vivenciar uma experiência integradora e humana e que os objetivos da Terapia comunitária são: valorizar as famílias e sua rede de relações sociais visando a transformação de cada indivíduo em suas relações intergrupais; respeitar a potencialidade de cada membro da família, sua cultura, valores e crenças, favorecendo sua autonomia; estimular e fortalecer os sistemas relacionais na família, na comunidade e na sociedade; resgatar os vínculos afetivos nas relações familiares e comunitárias promovendo o sentimento de inclusão e pertencimento. É uma prática de efeito terapêutico destinado à prevenção na área da saúde e a atender grupos heterogêneos de organização informal num contato face-a-face; que demonstra um interesse comum e que é o de alívio se seus sofrimentos e a busca de bem estar.

A Terapia comunitária foi inserida na atenção básica com o objetivo de tecer redes de atenção, cuidado, prevenção e promoção de

saúde, na tentativa de multiplicar os atendimentos relacionados à rede de atenção básica em saúde mental, além de multiplicar o atendimento e encaminhamentos aos centros especializados das situações graves de transtornos psíquicos, estimulando o envolvimento multiprofissional (Camarotti et al, 2005).

Para Bruscia (2000), é preciso diferenciar Musicoterapia de Terapia comunitária tradicional. Na visão dele há exemplos dessa diferença: na terapia de grupo tradicional os membros são selecionados de acordo com necessidades comuns ou complementares; assim o grupo, independentemente do seu potencial de coesão, é mais um constructo do que uma unidade ecológica. Portanto, um grupo terapêutico tradicional não é o ambiente real em que os membros vivem e trabalham, é uma réplica desse ambiente, cuidadosamente construída. Em contraste, um grupo ecológico é um contexto, um grupo ou uma comunidade natural já existente, com seus membros individuais que vivem ou trabalham, já estabelecidos ou definidos.

Outra diferença é que em um grupo terapêutico tradicional o objetivo é produzir mudança terapêutica em seus membros, enquanto que no trabalho com grupos ecológicos o objetivo é produzir mudanças terapêuticas no sistema ecológico e nos indivíduos que fazem parte dele. Isso significa que em um grupo terapêutico tradicional, as mudanças em seus membros individuais são generalizadas ou aplicadas ao contexto ecológico externo de cada membro do grupo; no trabalho ecológico essa generalização não é necessária, ou seja, o cliente em um grupo terapêutico tradicional busca meios para conseguir transpor suas necessidades num contexto de fortalecimento individual para conseguir forças de superação. Já o cliente do trabalho com Musicoterapia comunitária no âmbito ecológico é visto holisticamente fundido a esta comunidade, ou seja, ele é também a própria comunidade.

A Musicoterapia comunitária está comprometida com os diversos modos de relações sociais e compreensão de mundo. Para isso não se pode isolar os sujeitos uns dos outros, nem do lugar onde eles vivem. Recorrendo a Morin (2007, p. 41), “só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permita reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc., mas também existir”.

Nesse contexto fica claro que o objetivo de se trabalhar com Musicoterapia comunitária é duplo: o cliente é preparado para participar

das funções comunitárias e tornar-se um membro valorizado da comunidade; a comunidade é preparada para aceitá-lo e acolhê-lo, ajudando-o através de programas artísticos externos com as formas tradicionais da Musicoterapia (didática, psicoterapêutica, recreativa, entre outras).

Para Pellizzari (2005), uma das incumbências da Musicoterapia é a de se fazer presente em projetos sociais, campanhas, jornadas de capacitação, e a outra é a de multiplicar e conscientizar os grupos de pessoas sobre a importância e o direito de saúde para todos. Assim, o musicoterapeuta pode desenvolver sua atividade em amplos setores da sociedade. O musicoterapeuta, nesta posição, deve desenvolver uma consciência clara sobre a sua função, seus objetivos e suas incumbências profissionais, ou seja, ser parte de uma instituição e/ou comunidade para gerar um marco de trabalho com projetos novos e inexistentes.

Comparando-se as duas visões apresentadas por Pelizzari (2005) percebe-se que no pensamento dela há um cunho comunitário, pois visa o bem coletivo, ainda afirma que o desenvolvimento da Musicoterapia Comunitária é recente e que há poucos artigos científicos na literatura Anglo-saxônica, poucos elementos extrapolares da realidade Latino-americana e que as investigações se fazem necessárias para que haja um progresso explicativo com disciplina, porém é importante encontrar metodologias e estratégias que tragam soluções ao, problemas que atingem as comunidades.

### **Área e níveis da prática ecológica: Musicoterapia nas práticas ecológicas:**

Musicoterapia Comunitária e/ou Ecológica é uma área de atuação musico terapêutica com em ênfase na promoção de saúde nos vários contextos sócio culturais da comunidade e ou ambiente físico, além de todos os trabalhos que focalizam a família e os locais de trabalho, seja porque a saúde da unidade está em risco, e conseqüentemente precisando de intervenção, ou porque a unidade causa ou contribui de algum modo para os problemas de saúde de seus membros. Segundo Bruscia (2000, p. 116), “A área ecológica inclui todas as aplicações da música e da musicoterapia em que o foco primário é a promoção da saúde, entre e o interior dos vários estratos sócio culturais da comunidade e seu ambiente físico”.

A área ecológica trabalha com os níveis auxiliar, que engloba: Música funcional, Música cerimonial, Música para inspiração, Ativismo Musicoterapêutico; e aumentativo, que engloba: Programas artísticos externos, Musicoterapia organizacional, Rituais Musicais de cura, Treinamento de sensibilização em Musicoterapia.

### **Quanto aos recursos a serem utilizados em Musicoterapia:**

Os recursos que se propõe utilizar estão empreendidos entre as quatro categorias de métodos musicoterapêuticos catalogados por Bruscia (2000): Recriação; Composição; Improvisação e Receptivos.

Outros recursos podem ser associados às técnicas musicoterapêuticas, como as danças circulares e as rodas de tambor. Esses foram elencados como principais em função de a autora do presente artigo ter familiaridade com sua aplicação e ter estudado os efeitos terapêuticos dessas práticas.

### **Danças circulares:**

A Dança Circular é uma forma de integrar corpo, movimento, expressão, pensamento e sentimento. É um instrumento facilitador do potencial criativo, da auto percepção, da comunicação, das transformações do indivíduo e de suas relações com tudo o que o envolve. Como fonte de conhecimento, coloca-nos em contato com uma linguagem completa e complexa, proveniente de única propriedade verdadeira e inseparável de que o homem dispõe para manifestar sua essência, sua cultura e sua história: o corpo. Costa (2002, p.19).

### *Características das danças circulares:*

A dança circular é uma prática que é voltada à atenção plena aos passos, à música e ao ritmo. Através dela o ser humano descobre seu ritmo individual e evolui na recuperação da harmonia da saúde e do ritmo grupal, devolvendo à sociedade o sentimento de pertencimento e de bem viver.

Segundo Aquino e Ramos (2009), toda roda de dança circular tem um focalizador que não é um professor, ou seja, é uma pessoa que centraliza uma ideia de fácil compreensão a todos do grupo.

É caracterizada, segundo os autores, como força mobilizadora colabora para a formação do indivíduo e de seu caráter, possibilitando o desenvolvimento das qualidades de sustentação desse indivíduo:



autoestima, com aceitação do, de si próprio, de suas diferenças e do grupo, como também com crenças e suas possibilidades, simbolizados pelo ato de dar as mãos na roda.

De mãos dadas e em roda movimentam-se no compasso da música, cria-se um senso de comunidade e de pertencimento (Frances & Bryant, 2004). Desse modo, o corpo constitui o instrumento para o poder transcendente e sem intermediações. Experimenta-se o corpo como se possuísse uma dimensão espiritual, internar, como canal para a descida do poder até a esfera do homem um meio de autorrealização (Wosien, 2002).

Segundo Dubner (2015), é terapêutico porque traz novas percepções internas; convida a vencer desafios; trabalha o medo de errar; acorda as potencialidades; acolhe a diversidade; sensibiliza e socializa; resgata valores humanos; amplia a percepção, a atenção e a concentração; desperta a musicalidade, ritmo, leveza e flexibilidade; trabalha as habilidades interativas e de grupo; explora os vários aspectos do eu na relação com os outros; possibilita a comunicação humana através do diálogo corporal; promove o relaxamento musical: a utilização da escuta da musica através da dança para reduzir o stress, a tensão e a ansiedade.

#### *Como as danças circulares podem ser aplicadas:*

Segundo Dubner (2015), podem ser aplicadas como recurso terapêutico, pois se colocam a serviço do alívio e da cura.

De acordo com Aquino e Ramos (2009), aplicação das danças circulares envolve os seguintes tópicos:

- A música cria a própria dimensão de tempo, em que sua pulsação é sua medida, mas ela esta fora da nossa linha cotidiana de tempo, ou seja, possibilita experimentar o extraordinário;
- A dança busca a sincronização dos movimentos com a música, que ocorre não somente no nível consciente. Por homeostase, os movimentos corporais reflexivos (fluxo sanguíneo, frequência cardíaca, processos celulares, funcionamentos dos órgãos etc.) também seguem esse sincronismo;
- A música e a dança alteram as ondas cerebrais por meio dos movimentos repetitivos, tornando o indivíduo aberto a outras possibilidades de experiência;
- Ativa-se uma nova dimensão tempo- espaço, pois pelas leis da física o espaço é alterado pelo tempo e, com isso, experimenta-se

uma outra possibilidade do “eu”, outro tipo de corpo, outra forma de consciência;

- A música e a dança possuem impactos diretos nas emoções que tende a ser onde, quando ou como eles vivem. Da mesma forma buscam essas experiências para conhecer melhor seu corpo, os corpos das outras pessoas e da natureza (mecanismo de sobrevivência).

Para Fernandes (2006), experimentar a música e a dança constitui outra forma de conhecimento do mundo e do sujeito em si, o que pode ajudar os seres humanos a se afirmarem na vida e na sociedade, e a sobreviverem.

### **Roda de Tambores:**

Roda de Tambores é uma prática em grupo na qual as pessoas participam tocando tambores e outros instrumentos de percussão, com o propósito comum de fazer música em conjunto. É considerada uma das formas mais antigas de criação comunitária da humanidade (Nistal; Suzuki, 2009). Numa roda de tambores todos são capazes de fazer música e fazer parte dela sem distinção ou acepção de pessoas.

#### *Tipos de Roda de Tambores:*

De acordo com Hull (apud Nistal; Susuki, 2009), há três tipos de roda de tambores:

- *Anárquicas:* rodas livres, sem regras, desprovidas de protocolo. Evoluem totalmente ao acaso. Em determinados momentos, a roda para no sentido de reorganizar o caos, dando início a um novo ritmo, e assim por diante. Uma vez que os participantes entram em um acordo rítmico, uma “alquimia rítmica é criada” quando o grupo, por meio dessa colaboração musical momentânea, cria uma única voz harmônica;
- *Culturais específicas:* esse tipo de roda segue um modelo étnico-cultural específico, geralmente, caracterizado pelo uso de instrumentos típicos de uma determinada cultura ou agrupamento social, formação de coros, ritmos pré-estruturados, aspectos folclóricos e ritualísticos, danças típicas e trajes entre outros.

Como exemplo, podem-se citar os grupos que se propõem a reproduzir ritmos do Senegal, afro-cubanos e o de candomblé;

- *Comunitárias*: essa abordagem de roda de tambores criada por Arthur Hull, procura tirar proveito do melhor dos dois tipos anteriores (anárquica e cultural específica). Nestas rodas quaisquer pessoas são bem vindas a participar, pois não há compromisso com conhecimento prévio ou prática de batucada. Resume-se em um espaço aberto onde as pessoas se encontram e compartilham o prazer de tocar, dançar e cantar juntos, porém com a figura do facilitador monitorando e dirigindo todo o processo. Dentro dessa categoria consideram-se as rodas para populações específicas, como para crianças, escolas (todos os níveis), faculdades, instituições religiosas e grupos especiais como crianças em situações de risco, menores abandonados e dependentes químicos, entre outros.

A Roda de Tambores poderá ser utilizada por médicos, psicólogos, musicoterapeutas, assistentes sociais, e educadores musicais, dentre outros profissionais com formação para esse fim.

Stevens (2003) apresenta algumas propostas e benefícios dessa prática:

- Proporcionar prazer;
- Facilitar a auto expressão;
- Reduzir o estresse;
- Fortalecer a autoestima individual e grupal;
- Promover unificações;
- Facilitar a comunicação;
- Construir comunidades;
- Exercitar a mente o corpo e o espírito;
- Favorecer o espírito de camaradagem e apoio;
- Promover conexão familiar em multigerações;
- Possibilitar experiência espiritual.

*Como podem ser aplicadas comunitariamente:*

As sessões deverão ser aplicadas em forma de batucada, conduzida por um facilitador que, inicialmente, irá propor a marcação do

pulso ou um ritmo acessível a todos os participantes. Através de técnicas de facilitação poderá introduzir mudanças, alterar o andamento (mais rápido ou mais lento), estabelecer setores, passar melodias distintas para cada setor e obter polifonias simples com a intenção de que os participantes da roda se conectem uns aos outros de maneira consistente. Com isso objetiva-se gerar uma espécie de energia consistente e leve o grupo à sensação de continuidade, longevidade e eternidade.

O facilitador precisa ter habilidade em ler o grupo como um todo, o que lhe permitirá obter mais informações sobre o grupo. Também deverá ter habilidade para estabelecer confiança ao grupo e gerar um clima favorável para que a atividade tenha êxito. Três ferramentas próprias de leitura do grupo são: visão periférica, audição periférica e percepção periférica.

Uma sessão de roda de tambores não é um acontecimento aleatório precisa ter início meio e fim e deve seguir o protocolo de roda de tambores o que pode variar de acordo com o público alvo (Nistal; Suzuki, 2009).

### **Considerações finais:**

As comunidades necessitam de estratégias específicas para se trabalhar na prevenção e promoção da saúde. Assim a Musicoterapia poderá contribuir de maneira eficaz junto a essas demandas e associada a outros profissionais que pensam comunitariamente, para que juntos possam fortalecer o sentimento de pertença, o resgate da autoestima, a autoconfiança e a autoconsciência.

Esse estudo é introdutório, mas pode ser inspirador para novas investigações.

### **Referências:**

- ALVIN, J. *Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1967.
- AQUINO, C. R.; RAMOS, R. C. de L.; *Musica nas danças circulares e autoestima*. In: LEÃO, E.R. *Cuidar de pessoas e música: uma visão multiprofissional*. São Paulo: Yendis, 2009.
- BARANOW, A. L. Von. *Musicoterapia: uma visão geral*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BARRETO, A. de P. *Terapia Comunitária passo a passo*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

- BENENZON, R. *Viver em Comunidade: Um caminho para evitar o apocalipse e melhorar a qualidade de vida no século XXI*. São Paulo: Memnom, 2005.
- FRANCES, L.; BRIANT-JEFERIES, R. *Dança Circular Sagrada e os Sete Raios*. São Paulo: TRIOM, 2004.
- BRUSCIA, K. *Definindo a Musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- BENENZON, R. *El papel de la musicoterapia en na salud coletiva*. R. Cult: R. IMAE, São Paulo, ano 8, n. 17, p 111-112, 2008.
- CAMPOS, R. E. de F. *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COSTA, A. L. B. Dança: Uma herança à disposição de todos. In: RAMOS, R.C.L.(org). *Danças circulares Sagradas: Uma proposta de educação e cura*. São Paulo: Editora Triom, 2002.
- DUBNER, D. *O poder terapêutico e integrativo da dança circular*. Itu: Ottoni, 2015.
- LEINIG, C. E. *Tratado de Musicoterapia*. São Paulo: Setta, 1977.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- NISTAL, T.; SUZUKI, P.R. Roda de tambores. In: LEÃO, E.R.; *Cuidar de pessoas e música: Uma visão multiprofissional*. São Paulo: Yendis, 2009.
- WOSIEN, M.G. *Dança Sagrada: Deuses mitos e ciclos*. São Paulo: Triom 2002.
- OTTAWA 1986 - PRIMEIRA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE - Disponível em: [http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf) Acesso em 18/10/2015
- PELLIZARI, P.; RODRÍGUEZ, R.; (orgs). *Salud, Escucha y Creatividad*. Buenos Aires: Ediciones Universiad del Salvador, 2005.
- SAWAIA, B. B. *Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade*. Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes, 2001.